

Emily Giffin

Autora com mais de 11 milhões de livros vendidos

As mentiras que nos unem

“Emily tem a habilidade única de capturar a complexidade das emoções humanas enquanto narra uma história arrebatadora.”
The Washington Post



As
mentiras
que nos
unem

Título original: *The Lies that Bind*

Copyright © 2020 por Emily Giffin
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu

preparo de originais: Carolina Vaz

revisão: Anna Beatriz Seilhe e Rachel Rimas

diagramação: Abreu's System

capa: Elmo Rosa

imagem de capa: Shutterstock / HappyAprilBoy

impressão e acabamento: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G388m

Giffin, Emily, 1972-

As mentiras que nos unem / Emily Giffin ; tradução Fernanda Abreu. – 1. ed. – São Paulo : Arqueiro, 2022.
320 p. ; 23 cm.

Tradução de: The lies that bind.
ISBN 978-65-5565-286-4

1. Ficção americana. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

22-76682

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Allyson Wenig Jacoutot,
minha primeira amiga em Nova York.
Aos nossos tempos juntas na cidade,
antes e depois do 11 de Setembro.*

UM

Maio de 2001

Já passa de uma da manhã e estou sentada sozinha num bar em estilo grunge do East Village, um daqueles com as paredes todas grafitadas. O ambiente é agradável, e os frequentadores são tão ecléticos quanto a seleção do jukebox – uma mistura de rock e metal, punk e hip-hop. No momento, Dido está cantando “Thank You”, uma música lenta que eu amava até escutar demais e enjoar, e que agora só me faz ser invadida por uma solidão dolorosa.

Ao terminar meu copo de cerveja, cruzo olhares com o barman, um homem grisalho de meia-idade que parece amigável, mas não fala muito.

– Mais um? – pergunta ele com um leve sotaque irlandês no qual eu não tinha reparado antes.

– Sim, por favor – respondo, e então, mesmo sabendo que não deveria fazer isso, pergunto se o bar tem um telefone público.

Ele me responde que sim, mas está quebrado. Sinto uma onda de alívio, só que ele então tira um aparelho sem fio do outro lado do balcão, me entrega e diz que posso usá-lo contanto que a chamada seja local. Encaro o telefone e penso que é exatamente por isso que Scottie, meu melhor amigo desde a infância, me disse para ficar em casa naquele dia e não beber. *Fica de molho*, dissera ele, lá da nossa cidade natal de Pewaukee, no Wisconsin, insistindo que eu ainda não estava pronta para encher a cara.

No começo segui seu conselho e fiquei recolhida no meu sofá de segunda mão comendo comida tailandesa pronta e vendo os programas que gravara durante a semana para ver depois: *Will & Grace* e *West Wing*, *Frasier* e *Friends*, *Survivor* e *Família Soprano*. Como eu descobrira desde que Matthew e eu havíamos terminado, a televisão tinha o mesmo efeito entorpecedor do álcool sem as suas óbvias armadilhas, e acabava me ninando até eu dormir, um passo mais perto da fugidia promessa de que o tempo cura tudo.

Em algum momento por volta da meia-noite, porém, depois de me transferir do sofá para a cama no meu quarto e sala de 37 metros quadrados, acordei sobressaltada de um sonho desconexo mas definitivamente erótico protagonizado por Matthew e Jennifer Aniston – ou, para ser mais exata, Rachel Green, que por sinal estava traindo Ross. Encarando uma mancha de infiltração no teto de gesso, disse a mim mesma que no meu caso não seria uma traição, já que tínhamos terminado, não estávamos “dando um tempo”, mas mesmo assim senti uma raiva irracional ao imaginar Matthew com outra pessoa, partindo para outra antes de eu conseguir superar o término. É claro que o contrário também poderia ser verdade. Ele talvez também estivesse encarando o teto de sua casa com saudades de mim. Talvez até tivesse sucumbido e me telefonado.

Peguei meu celular na mesinha de cabeceira para ver se tinha algum recado de voz ou mesmo uma chamada perdida. Nada. Levantei, fui cambaleando até a escrivaninha e encarei aquela maldita luzinha vermelha da secretária eletrônica me lembrando de que eu não tinha *Nenhum. Novo. Recado*. O último passo foi ligar o computador e checar meu e-mail e meu chat do AOL – o portal pelo qual Matthew e eu costumávamos nos comunicar durante nosso horário de trabalho. Nada ali também. É então que o pânico se instala. Pânico de nunca mais conseguir pegar no sono; pânico de que, *caso* consiga pegar no sono, tudo que me aguarde seja uma solitária manhã de domingo; e, acima de tudo, pânico de olhar para trás e ver aquela encruzilhada na estrada como o maior erro da minha vida. De Matthew se transformar Naquele Que Deixei Escapar. Naquele que *eu* mandei embora apenas por não ter garantia de um futuro ao seu lado.

Como um alcoólico agarrado a uma garrafa de vodca, corri os dedos pelo teclado ansiando por aquilo que eu conhecia, perguntando-me que

mal faria dizer um oi. Disse a mim mesma para não fazer isso. Não só por causa do orgulho, mas porque eu não queria voltar atrás. A primeira semana com certeza era a mais difícil. Eu precisava ser forte. E foi então que tomei a decisão impensada de sair de casa, pegar um pouco de ar puro, afastar-me dos meus instrumentos eletrônicos de autodestruição.

Em poucos segundos já estava escovando os dentes, penteando os cabelos e tirando a camiseta e a calça velha de flanela. Vasculhei meu cesto de roupa suja e achei um vestido curto e um cardigã preto. Ambas as peças estavam amassadas e com um leve cheiro do restaurante engordurado na Lexington Avenue no qual eu comera mais cedo, mas mesmo assim as vesti, decidindo que não havia por que usar algo legal – ou sequer limpo – para dar uma volta já tão tarde. Deixando o celular estrategicamente para trás, peguei minha bolsa e calcei meus sapatos plataforma da Steve Madden. Tranquei o apartamento com as chaves que ficavam presas na minha carteira de náilon com velcro da Universidade de Wisconsin, um vestígio da minha graduação que Matthew certa vez me dissera ser “fofo” e “a sua cara” – o que eu agora via como uma crítica disfarçada de elogio, um comentário do tipo “você não é boa o suficiente para casar”.

Atravessei o estreito corredor cinza, passando pelo apartamento de vizinhos que nunca viria a conhecer, bem longe do elevador claustrofóbico que só usava para subir com as compras, quase *sempre* imaginando que ficaria presa lá dentro e sufocaria lentamente. Meus passos ecoaram nos degraus de concreto da escada quando descí os quatro andares até uma portaria sem porteiro tão horrenda que deveria ter me feito desistir quando eu estava procurando um apartamento para alugar. Três das paredes eram forradas com um papel laranja de estampa psicodélica; a quarta tinha um espelho fumê – não um espelho legal e decorativo, mas deprimente e datado. Captei de relance meu próprio reflexo, e a palavra *desleixada* me veio à mente, um feito e tanto aos 28 anos de idade. Mas tentei ver pelo lado positivo: com meu aspecto atual, dificilmente eu “esbarraria” com Matthew – na porta do apartamento dele, digamos.

Então saí para a terra de ninguém entre Gramercy Park e o East Village. Ao inspirar o ar morno da noite, senti-me um tiquinho melhor, quase esperançosa. Afinal, aquela era Nova York, a cidade que nunca dorme. As possibilidades eram infinitas e o verão já estava ali na esquina. Era a mesma

sensação que eu tivera ao me mudar para lá, quatro anos antes – antes de ficar desiludida. Como era possível ficar desiludida antes dos 30 anos?

Fui seguindo na direção leste, oposta ao apartamento de Matthew no Upper West Side, mas sem nenhum destino em mente. Cogitei parar na mercearia da Segunda Avenida, que tinha o melhor estoque de chocolates e revistas da região, mas segui em frente, passei pela Stuyvesant Square e peguei a 14th Street. Em alguns dos quarteirões mais suspeitos, pensei em tirar da bolsa meu spray de pimenta, mas havia gente demais na rua para eu me preocupar de verdade. Era um conceito que meus pais não compreendiam, já que para eles a imagem de Nova York continuava presa nos anos 1970, quando, caída a noite, a cidade aparentemente virava um covil de bandidos.

Ao chegar à Avenue B, não tive como não pensar em *Rent*, o musical ambientado em Alphabet City. É impossível conseguir um ingresso – além de ser ridiculamente caro –, mas Matthew tinha dado um jeito de assistirmos no meu aniversário. Senti uma pontada forte de nostalgia e o início de uma onda de baixo-astral, mas disse a mim mesma para seguir em frente, tanto no sentido literal como no figurado, e bem nessa hora vi um bar na esquina da 7th Street com a Avenue B, um bar com vidraças com padrão de losangos ao estilo Tudor e um portal vermelho arqueado. O lugar me pareceu promissor, tranquilizador até, então entrei e me acomodei diante do balcão em formato de ferradura.

E foi assim que cheguei a este instante em que encaro um telefone sem fio, com meu segundo copo de cerveja na mão, escutando Dido cantar sobre o melhor dia da vida dela. Sinto minha força de vontade ruir e começo a digitar o número de Matthew. Já digitei todos os algarismos exceto o último quando escuto uma voz grave atrás de mim dizer:

– Não faz isso.

Espantada, olho por cima do ombro e vejo um cara mais ou menos da minha idade, talvez um pouco mais velho, me encarando. Ele é alto como um jogador de basquete, com barba por fazer e traços fortes.

– O que você falou? – pergunto, pensando que devo ter ouvido errado.

– Eu falei: “Não faz isso.” Não liga pra ele. – Seu rosto está impassível, mas seus olhos castanhos têm um ar de divertimento.

Surpresa demais para negar, eu pergunto:

– Por que você acha que eu ia ligar para um homem?

O cara dá de ombros, senta-se no banco ao meu lado e diz:

– E aí? Acertei?

Dou de ombros também, contendo um sorriso e digo que sim.

– Quem é?

– Meu ex.

– Bom, ele é seu ex por algum motivo. Vida que segue.

Encaro-o, sem palavras, pensando que ele é quase um agente secreto contratado por Scottie para me espionar. Ou quem sabe meu anjo da guarda pessoal, como Clarence em *A felicidade não se compra*.

O barman torna a aparecer e meu novo companheiro de balcão pede um Jack Daniels com Coca-Cola enquanto examina a parede de destilados que divide o bar.

– E... vamos ver... dois shots de Goldschläger.

– Goldschläger? – repito, rindo. – Por essa eu não esperava.

– Eu sou uma caixinha de surpresas. E você parece estar precisando.

Balanço a cabeça e digo a ele que não tomo shots.

– Que mentira – diz ele, sorrindo.

Ele tem razão, óbvio, então sorrio, e o barman pega a garrafa de gargalo comprido e enche até a borda dois copinhos de shot que pousa na nossa frente antes de se afastar. Nós pegamos os copos ao mesmo tempo e os erguemos até a altura dos olhos.

– À vida que segue – diz ele.

– À vida que segue – repito, baixinho.

Cruzamos olhares antes de virar os shots. Preciso de dois goles para terminar o meu. Minha garganta arde, mas me mantenho impassível, sem fazer careta, e dispenso o suco de limão para quebrar o álcool.

– Melhorou? – pergunta ele.

Respondo que sim, maravilhada com o fato de ser verdade.

– E você? – indago, um pouco intrometida.

– Sim. Eu também.

É uma deixa fácil e natural para perguntar sobre a história *dele*, quem ele ama ou já deixou de amar, ou pelo menos para fazer as perguntas de bar que em geral se fazem a desconhecidos: *Qual é o seu nome? De onde você é? Onde você estudou? O que você faz da vida?* Só que eu não puxo esse papo. Não puxo papo *nenhum*. O que faço é apenas aproveitar nossa camaradagem silenciosa, a sensação de *não* estar sozinha, a milagrosa *ausência* de tristeza.

Ele deve estar sentindo algo parecido, pois, ao longo da hora e meia seguinte e de vários drinques, conversamos surpreendentemente pouco, mas nenhum dos dois esboça qualquer movimento para ir embora.

Então chega a hora de o bar fechar. Sugiro um último shot de Goldschläger, e ele concorda que é uma boa ideia. Dessa vez não brindamos, mas silenciosamente refaço nosso primeiro brinde. À *vida que segue*. É definitivamente o que estou tentando fazer.

Quando a conta chega, ele tira a carteira do bolso de trás da calça jeans enquanto estendo a mão para a bolsa. Ele balança a cabeça e diz que é por conta dele. Penso em protestar, mas em vez disso agradeço.

– De nada – diz ele. – Quem agradece sou *eu*.

– Por quê?

– Você *sabe* – responde ele, então tira várias notas da carteira e coloca-as sobre o balcão.

Aquiesço, porque acho que sei mesmo.

Ele me flagra encarando-o e parece pouco à vontade pela primeira vez na noite.

– O que foi? – indaga, passando uma das mãos pelos cabelos.

– Nada.

– Você com certeza estava pensando *alguma coisa*... – sugere ele, tornando a guardar a carteira e arregaçando as mangas do suéter de moletom.

– Estava pensando que ainda não sei o seu nome.

– É esse o seu jeito de perguntar o meu nome? – rebate ele com um sorriso, agora apoiando os antebraços no balcão.

Tento não sorrir e balanço a cabeça.

– De jeito nenhum. Eu estava só fazendo uma afirmação. Na verdade, eu nem *quero* saber o seu nome.

– Que bom. Porque eu também não quero saber o *seu*.

– Show – respondo e, ao deslizar para fora do banco, reparo que meu cardigã caiu no chão.

Recolho-o, visto-o, então começo a abotoá-lo devagar. É a minha vez de me sentir pouco à vontade, mas disfarço estendendo a mão e forçando uma expressão de indiferença.

– Então obrigada mais uma vez. Pelos drinques e pela companhia. Tchau. Seja qual for o seu nome.

– É. Tchau – diz ele, sacudindo a minha mão com um aperto forte e cá-lido. – Seja qual for o *seu* nome.

Começo a soltá-lo, mas ele continua segurando a minha mão e me puxa para si até a lateral do meu corpo tocar seu joelho, minha mão ainda na sua. Sinto uma coisa engraçada no estômago, que não sentia há muito tempo. Por um segundo penso que é um frio na barriga. Penso que é por causa *dele*.

Mas, quando as luzes do teto do bar se acendem e o jukebox para de tocar, ele solta minha mão e decido que algo assim não é possível. Que deve ser só o efeito da bebida.



Nós dois vamos ao banheiro e eu confirmo que estou com uma cara horrorosa, mas lembro a mim mesma que não estou nem aí para isso. Poucos minutos mais tarde, estamos parados na frente do bar. A temperatura caiu, mas o ar está tão parado que não sinto frio. O álcool também ajuda. Ele comenta que vai pegar o metrô e pergunta como vou para casa. Respondo que vou pegar um táxi e ele diz que vai esperar comigo até eu achar um. Enquanto isso, começamos a percorrer a avenida. Fingimos não ver os táxis vazios que passam. Por fim, chegamos em frente ao meu prédio.

– Pronto. É aqui que eu moro – digo, virando-me para ele. Como ele é bem mais alto, subo um degrau, depois outro, sem tirar os olhos dos seus.

– Então tá – responde ele, encostado no corrimão. – Boa noite de verdade agora.

– É. Boa noite de verdade.

Mas nenhum de nós se mexe e, depois de uma longa pausa, ele fala:

– Talvez no fim das contas eu queira, sim, saber seu nome.

– Tem certeza? – pergunto, tentando não demonstrar qualquer emoção.

– Isso é um passo bem grande.

– Tem razão – admite ele, entrando na brincadeira. – Afobado demais.

Foi mal.

Vários segundos se passam antes de eu ceder primeiro:

– Então... Você quer subir comigo?

Fico chocada ao me ouvir dizer isso. Não é do meu feitio ser tão espontâ-

nea, tão estúpida. Até onde eu sei, ele poderia ser um serial killer. Não dizem que Ted Bundy era bonito? No entanto, por algum motivo inexplicável aquilo parece ser a coisa certa a fazer.

Ele hesita, e por um segundo eu penso que está prestes a recusar minha oferta... e provavelmente é melhor assim. Mas o que ele diz é:

– Você está me convidando para entrar?

– Estou – digo, confiando nos meus instintos... e nele. – É, estou, sim.

– Eu aceito – afirma ele, com um pequeno meneio de cabeça.

Então me viro e o conduzo escada acima, pela porta da frente e pela portaria do meu prédio, em seguida até o elevador, pensando que por mim tudo bem se eu ficasse presa lá dentro com ele. Não dizemos nada enquanto subimos. Nosso silêncio continua enquanto destranco a porta e entramos no meu apartamento escuro, passando pela luzinha vermelha da secretária eletrônica. Sei que deveria conduzi-lo até meu sofá, oferecer-lhe algo para beber, puxar conversa. Mas de repente me sinto exausta e tudo que quero é ir para a cama. Com ele. Então, em vez disso, vou para o quarto e tiro os sapatos e o cardigã e ergo a colcha. Não olho para ele, mas posso senti-lo me observando.

– Você vem? Está muito tarde.

– Vou – sussurra ele, então tira a roupa até ficar só de cueca e camiseta.

E se deita na cama ao meu lado.

Vários minutos de silêncio transcorrem antes de nossos corpos e de nossa respiração se sincronizarem no escuro. De olhos fechados, fico esperando ele me beijar ou algo do tipo. Fazer as coisas que as pessoas fazem quando vão direto de um bar para a cama. Mas não fazemos nada disso. Simplesmente adormecemos, eu com o rosto encostado no peito dele e ele com o braço à minha volta, como se nos conhecêssemos há uma eternidade.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

